

**O PERCURSO DO SIGNO: ESTUDO SEMIÓTICO
DO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”,
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Priscila Mattos Monken (UENF)

pri_monken@hotmail.com

Fernanda Renne Borges Sant’Ana de Menezes (UENF)

RESUMO

Esse artigo propõe desenvolver uma análise semiótica do conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa, tomando como base a teoria do conhecimento de Charles Sanders Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade), considerando o signo em relação ao objeto (ícone, índice e símbolo).

Palavras-chave:

Língua. Linguagem. Rio.

ABSTRACT

This article proposes to develop a semiotic analysis of the story “The third bank of the river” by João Guimarães Rosa, based on Charles Sanders Peirce's theory of knowledge (first, second and third), considering the sign in relation to the object (icon, index and symbol).

Keywords:

Language. River. Use of language.

1. Introdução

“As rio correntes águas de, as indo-e-vindo águas de.” (James Joyce)

As águas na literatura são muitas, percorridas de diferentes formas, apontando diversos cursos. “Quem me dera ser onda”, de Manuel Rui; “A casa velha das margens”, de Arnaldo Santos; “De rios velhos e guerrilheiros”, de José Luandino Vieira; e “A duas sombras do rio”, de João Paulo Borges são alguns exemplos de águas africanas na literatura. Entretanto, aqui se considerará as águas literárias marginais brasileiras, representada pelo escritor das travessias.

“A terceira margem do rio”, narrado em primeira pessoa e enquadrado para fins didáticos na categoria fatalidade/misticismo, faz parte do livro “Primeiras estórias”, de João Guimarães Rosa, escrito em 1962,

posterior a “Grande sertão: Veredas” (1956). Tendo o conto breve como gênero literário, se localiza historicamente no terceiro momento do modernismo brasileiro. Seu enredo se concentra na seguinte narrativa: Um homem abandona a família e a sociedade para viver à deriva numa canoa, no meio de um grande rio. Com o tempo, todos, menos o filho primogênito, desistem de apelar para o seu retorno e se mudam do lugar. O filho, por vínculo de amor, esforça-se para compreender o gesto paterno; por isso, ali permanece por muitos anos. Já de cabelos brancos e tomado por intensa culpa, ele decide substituir o pai na canoa e comunica-lhe sua decisão. Quando o pai faz menção de se aproximar, o filho se apavora e foge, para viver o resto de seus dias ruminando o falimento e a covardia.

Diante de tal enredo, o desafio de interpretá-lo, de mergulhar nele se torna tentador, do título à última gota de palavra. Assim, o presente artigo não visa explicar conceitos, mas refletir sobre uma nova forma de dizer a respeito do texto. Por isso, não é proposto aqui dissertar sobre a literatura ou a semiótica, mas mostrar que a união entre esses saberes é possível, levando em consideração a língua e a linguagem.

A língua é um sistema de signos, um conjunto organizado de elementos representativos. A linguagem é a faculdade que o homem tem de expressar seus estados mentais através de um conjunto de sons vocais chamado língua. Isso leva a entender a língua como a realização da linguagem, um sistema de signos que permite configurar e traduzir a multiplicidade de vivências caracterizadoras do ser de cada um no mundo.

A literatura é, tradicionalmente, uma arte verbal cujos aspectos estéticos podem ser alcançados através do texto a partir, por exemplo, de uma base linguística, analisando-se os signos envolvidos. A semiótica investiga a natureza dos signos em geral, da significação e da comunicação, tomando o signo como tudo o que, de um lado, é determinado por um objeto e de outro, determinado por uma idéia na mente do receptor. Tem-se, desta forma, o signo como uma relação triádica entre signo, objeto e representante, sendo cada relação representada por uma classe de signos. E as classes sógnicas, agrupadas em categorias de conhecimento (primeiridade, secundidade, terceiridade), revelam a complexidade da semiótica ao tratar as esferas habitadas por tudo, que são os signos.

Objetiva-se, então, fazer uma análise semiótica do conto mencionado à luz da teoria do conhecimento de Charles Sanders Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade), relacionando o signo ao seu objeto através da consideração da segunda tricotomia da classe de signos, a

saber, ícone, índice e símbolo. Se fará uma separação didática da trilogia do conhecimento peirceana, sabendo que não são momentos puros, mas que se interpenetram. Peirce enfatiza o fato de que suas categorias são universais e que coexistem “dinamicamente, em termos simultâneos e sucessivos não só na natureza como também nas formas da consciência, podendo se apresentar, além disso, em manifestações psicológicas.” (SANTAELLA, 1996, p. 130). Ainda, Peirce não concebe suas categorias como uma espécie de geometria da mente humana ou como determinação das garantias e limites do conhecimento. Trata-se na verdade de ingredientes lógico-operacionais, isto é, modos de como a consciência gera em formas complexas os mais diversificados conteúdos, engendrando produtos e efeitos os mais distintos.

Sendo assim, que tenha início a água-travessia.

2. *Primeira margem*

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente (ROSA, 1988, p. 33).

O pai na canoa, no meio do rio. Esboço de uma terceira margem, ainda sem sê-lo. Ícone de um momento do conto, em que o signo apresenta semelhança com o objeto apresentado, a saber, a retirada deliberada do pai da sociedade para viver no meio do rio. Momento de estranheza, sem explicações. Primeiro momento de um conhecimento que começa a ser estabelecido no nível da possibilidade e da comparação, não havendo intervenção de processos cognitivos, mas o predomínio do sentimento, recobrando o nível do sensível e do qualitativo.

Segundo Peirce (*Apud* SANTAELLA, 1996, p. 128), a primeira seria “qualquer coisa que esteja diretamente e imediatamente na consciência em qualquer instante, tal como ela é, sem considerar o que ela significa, quais são suas partes, o que a causa, ou quaisquer de suas relações com qualquer outra coisa”. Se a todo o momento se está reagindo a algo relacionado ao mundo externo, o isolamento paterno referendado no conto provoca uma impressão imediata e inédita, que corresponderia a um momento primeiro do processo perceptivo, ou seja, o percepto, a imagem, a presentificação da coisa. Em outras palavras, trata-se da ins-

tância da apreensão da qualidade do acontecimento, apreensão esta que gera uma qualidade de sentimento simples, indizível, única e irreptível. A “irreptibilidade” revela que, embora em sua materialidade o acontecimento possa ser muito semelhante, o sentimento que se objetiva na mente é sempre singular.

A singularidade daquilo que é apresentado faz remeter à visão, no que Valéry (*Apud* METZ, 1972, p. 184) diz: “o olho é um órgão da visão, o olhar, um órgão da previsão”. Isto é, o ver relaciona-se com o percepto, enquanto que o olhar envolve o juízo perceptivo, conseqüentemente, um juízo de valor.

E neste caso, uma segunda margem começa a se delinear.

3. Segunda margem

A estranheza provocada pela retirada do pai do convívio social mostra-se como um momento inicial de reflexão e de tentativa de compreensão do fato em si. A partir disso, índices vão sendo estabelecidos no intuito de se alcançar o entendimento do gesto descrito. Tomando como índice um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de ser diretamente afetado por esse objeto, estabelece-se conjecturas, teorias, hipóteses sobre o fato do pai habitar o rio *ad infinitum*. Esses índices foram elencados aqui como índices de nomeação, de dominação e de afastamento em relação ao estranho.

Nesse sentido, tem-se um texto narrativo indicial, em que são encontrados elementos que deixam o nível do sentimento para penetrar no campo da sensação. Desta forma, começa-se a se racionalizar o impacto da ação primeira, explorando possibilidades dessa aparência. Trata-se do que Peirce convencionou chamar de secundidade, delineando o nível da experiência, tratando o fato por meio do registro das partes temporais que compõem o todo. A racionalização acontece porque entre o vivido e a memória, entre a memória e seus registros, há sempre disparidades, desencontros, desavenças, omissões e inserções... o que gera conflitos, que levam a tirar proveitos das possibilidades, burlando os limites, que se apresentam em qualquer forma de conhecimento, de registro ou de transmissão de conhecimento.

Retornando aos apontamentos para compreensão do estranhamento à ação do pai, têm-se os suportes para a leitura semiótica da complexidade dos signos que compõem a dimensão cultural das sociedades mo-

dernas ao enunciar estâncias de conservação e dominação. E a partir disso, têm-se:

- Índices de nomeação da estranheza, considerados aqueles que apontam para uma possível conceituação dos estados psicossociais e físicos do pai, neste caso, “doidera”, “lepra”, “promessa”:

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. (*Ibid*, p. 33)

- Índices de dominação daquilo que é estranho, ou seja, representações de modelos de mecanismos de dominação presentes no cotidiano real e referenciados no conto, uma vez que a tentativa de compreensão do ato em si não se esgota em suas possibilidades. Desta forma, tem-se uma corrente de personagens representantes da tradição cultural dominante, como: tio (negócios/capital), mestre (saber), padre (religião), soldado (violência), jornalista (informação):

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre junco e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele. (*Ibid*, p. 34)

- Índice de afastamento da família em relação ao pai, representado numa única frase, numa única palavra (você) e suas variações, revelando a força da língua naquilo que ela transmite:

Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” (ROSA, 1988, p. 32)

Vale ressaltar que considera-se também o próprio rio como índice de dominação, rio restrito às duas margens; daí a tentativa da criação de uma terceira margem; neste caso, metáfora da linguagem que, representando os domínios desta, o sistema de signos, permite configurar e traduzir uma diversidade de experiências caracterizadoras do ser e de cada um

no mundo. Como sistema, a linguagem é uma configuração social em constante mudança. Deste modo, pensa-se as duas margens do rio como apontamentos para a linguagem convencional, linguagem corrente, e a criação de uma terceira margem como transformação dos limites de uma linguagem convencional, fazendo eclodir uma língua multiportuguesa, ou melhor, brasileira, representada neste momento pela linguagem utilizada na obra roseana. Ou seja, o pai, ao habitar o rio, faz dele sua morada, fazendo, portanto, da linguagem a casa de seu ser, imerso na linguagem, encharcado dela. Além disso, a canoa localizada pontualmente nos espaçamentos do rio, modifica a paisagem e, ao forçar novos direcionamentos dessas águas, modifica também a estrutura convencional da linguagem materializada no rio.

Propõe-se, a partir da mudança de direcionamento das águas-linguagem, a revitalização desta, propondo também a linguagem como verbo, pois sendo verbo tem que ser conjugada de acordo com as experiências particulares de cada indivíduo. E assim, a linguagem nunca se apresenta como algo acabado, mas só pode ser descoberta na travessia de, explorando as possibilidades de uma terceira margem.

4. Terceira margem

A terceira margem, por excelência, seria representada no conto pela seguinte passagem:

Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pá-

ra, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (ROSA, 1988, pp. 36-7)

O que se chama aqui de terceira margem, Peirce denomina terceiridade, que se refere ao pensamento, à razão, e que no universo das palavras se refere ao signo simbólico ao ter um caráter de lei. O símbolo é, portanto, um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de uma associação de idéias produzida por uma convenção. Entretanto, questiona-se se esse momento pode ser alcançado em sua completude, ou seja, se é ou não possível a terceiridade plena já que a linguagem é travessia, nunca está acabada, só quando se é depositado numa canoinha rio abaixo, rio a fora, rio a dentro, revelando, assim, os vários patamares da linguagem. O rio como tudo o que existe possui vários ângulos, várias formas e dimensões do signo se apresentar, tendo várias semioses. O signo, deste modo, não pode ser captado em sua totalidade e as dimensões do rio podem ser consideradas como as dimensões da semiótica.

Neste sentido, a terceira margem constitui o próprio rio roseano, sempre em movimento, no que Manuel Antônio de Castro (1976, p. 54) afirma: “ele (Guimarães Rosa) não tem compromissos com o sistema, mas sim com a Vida, e por isso o sistema língua, em suas mãos, não consiste num conjunto de categorias fixas, mas de um magma que permite novas, constantes e inusitadas formas.”

O conto apresenta alguns elementos recorrentes na ficção roseana. A imagem da travessia como alegoria do viver, uma vez que a travessia traz consigo toda a simbologia da existência humana, revelando, numa terceira margem, a defesa de um espaço de exceção e a inserção do insólito, no entrelugar, indicado pela referência a uma terceira margem. E nesse sentido, se delineia o símbolo presente não só na narrativa das margens, mas em toda a obra: o sujeito-travessia. Entretanto, não se trata daquele que se propõe a perpetrar uma travessia, mas que se constitui como tal, trilhando um caminho de desinterpretação do pai por meio de sua reescritura, como o faz o protagonista do conto estudado. Essa angústia de influência, uma vez superada, revela que para morrer é preciso colocar em palavras a travessia da vida.

Mas se a morte é o ponto final do sujeito-travessia, os diferentes percursos traçados em vida seriam finitos, conclusivos? O sujeito alcançaria a terceiridade ou tudo seria travessia, um percurso, um curso através de? Aparentemente, o alcance ao estágio último de conhecimento indica o estatismo dos conhecimentos envolvidos e do sujeito implicado. O delineamento de uma terceiridade convencional passa a ser paradigma

e perde a condição de terceiridade como paradoxo de conclusão e de abertura para novas possibilidades do pensar.

Tal pensamento se aplica aqui às narrativas como um todo, visto que muitas vezes as construções já vêm prontas, passando a falsa impressão de que a terceiridade é algo acabado. Muitas vezes, as leituras feitas se atêm somente à secundidade (tanto o texto quanto a recepção dele), revelando que as pessoas se encontram num segundo estágio de entendimento, mas acreditam estar fazendo leituras em terceiridade. A compreensão da idéia passa a ser vista como fantasia porque ninguém apreende o signo em sua totalidade, conduzindo o sujeito a erros e transformando as teorias numa falácia. E talvez Guimarães Rosa seja um bom exemplo de má compreensão da obra, visto que sua literatura é tão diferente que não se consegue tirar conclusões, ter símbolos convencionais; tanto que ele não tem seguidores, só admiradores e só admirar a obra pode significar perdê-la naquilo que ela tem de mais singular, seu caráter de transformação.

O sujeito recua e não completa as travessias, que lhe convida para outros percursos. Só os corajosos mergulham em outros rios, se atrevem a procurar outras margens, algo que Riobaldo e Diadorim sabem bem quando afirmam que viver é muito perigoso; carece de ter coragem. Ou Sócrates que revela que só sabe que nada sabe, demonstrando que o conhecimento aponta para uma busca eterna das palavras dos outros e de suas próprias palavras. Assim, as três margens são tidas como partes de um todo que deságua em algo maior: o oceano das idéias, num processo constante de revitalização da linguagem e do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBALADEJO, Tomás. (1985). Sobre Lingüística y texto literario. In: ABAD, José Manuel Cuesta; HEFFERNAN, Julian Jiménez (Eds). *Teorías literarias del siglo XX*, Madrid: Akal, 2005.

ALBERGARIA, Consuelo. O sentido do trágico em “A terceira margem do rio”. In: COUTINHO, Eduardo. (Org.). *Guimarães Rosa*. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

AZEVEDO, Ana Vicentini. *A partir de “A terceira margem do rio”*: algumas considerações sobre a transmissão da psicanálise. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982001000200005&script=sci_arttext. Acesso em 18 de abril de 2007.

BARTHES, Roland. Da leitura. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BUCCI, E. A saliva oleosa desse verbo. in: *Jornal do Brasil*. Caderno B. p. 8. 6 de Nov, 2001.

CANIZAL, Eduardo Peñuela. *Duas leituras semióticas*: Graciliano Ramos e Miguel Ángel Asturias. Coleção Elos, n. 21. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CASTRO, Manuel Antônio de. *O homem provisório no Grande sertão: um estudo de Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

COELHO, J. Teixeira. Semiótica: Charles S. Peirce. In: *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

COUTINHO, Eduardo. Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem. In: COUTINHO, Eduardo. (Org.). *Guimarães Rosa*. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GOMES, Júlio César Bittencourt. *A margem do rio de Rosa: uma aproximação*. Disponível em: http://www.triplov.com/letras/julio_gomes/rosa.html. Acesso em: 18 de abril de 2007.

KOPPE, Silvana de Souza. *As três miragens do rio: silêncio, linguagem e encantamento*. Disponível em: <http://www.ufes.br/~mlb/multiteorias/pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2007.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LOTMAN, Yuri M. El concepto del lenguaje del arte literario. In: ABAD, José Manuel Cuesta e HEFFERNAN, Julian Jiménez (Eds). (2005). *Teorías literarias del siglo XX*. Madrid: Akal, 1978.

MELO NETO, João Cabral. Rios sem discurso. In: *Poesias completas: 1940–1965*. São Paulo: Cortez, 1986.

METZ, Christian. *A significação do cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PEIRCE, Charles Sanders. ([s.d.]). Classificação dos signos. In: MOTA, Octanny Silveira e HEGENBERG, Leonidas. (Org.). *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. O ícone, o indicador e o símbolo. In: MOTA, Octanny Silveira e HEGENBERG, Leonidas. (Org.). *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1992.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Iolanda Crisitna. *Memória e contemplação em "A terceira margem do rio"*. Disponível em: <http://www.lettas.ufrj.br/ciencialit/encontro>. Acesso em: 18 de abril de 2007.

SOARES, Tatiana Alves. *A terceira margem do rio: um navegar de exclusão*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_8.htm. Acesso em: 18 de abril de 2007.